

Hölderlin, um projeto emancipatório fracassado^{1 2}

Il faut être toujours ivre. Tout est là: c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du Temps que brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve. Mais de quoi? De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise. Mais enivrez-vous... Pour n'être pas les esclaves martyrisés du Temps, enivrez-vous sans cesse! De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise.

Baudelaire, *Le Spleen de Paris*, 1869 ³

Aos amigos – tão ricos em entusiasmo – de Plasencia.

HEGEL VERSUS HÖLDERLIN?

Parece haver um destino fatal que conduz cedo ou tarde os estudiosos de Hegel a se enfrentarem ou se reencontrarem com Hölderlin. Há neste reencontro ou choque algo de libertador. Evidentemente, permite se libertar do terrível influxo estilístico-especulativo que Hegel exerce; ainda que Hölderlin em seus ensaios mostre também o nível de profundidade – e de dificuldade – que é capaz de alcançar. Mas a necessidade dos que tiveram algo a ver com Hegel em repensar Hölderlin vai muito além. Nos leva em certo sentido de um extremo ao outro do problema da relação do homem com o mundo e com os outros homens.

Depois da voragem de identificar especulativamente o real com o racional – e vice-versa – não pode senão se apresentar o desejo subversivo de suspeitar que se perdeu a

¹ O presente capítulo, traduzido por Gabriel Lago de Sousa Barroso, foi publicado originalmente em castelhano; cf. MAYOS, Gonçal. Hölderlin, un proyecto emancipatorio fracassado. In: *Convivium. Revista de Filosofia*, Barcelona, Segunda Série, n. 3, 1992, pp. 53-74.

² Este artigo é um fragmento de um trabalho mais extenso inédito e ainda não finalizado. Uma primeira redação foi apresentada no 26º Congresso de Filósofos Jovens em Plasencia (Cáceres) em 1989. Somente pretende ser, portanto, uma apresentação da leitura do autor acerca da obra hölderliniana.

³ “É necessário estar sempre bêbado. Tudo se reduz a isso; eis o único problema. Para não sentirdes o fardo horrível do Tempo, que vos abate e vos faz pender para a terra, é preciso que vos embriagueis sem cessar. Mas – de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor. Contato que vos embriagueis. (...) Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem trêguas! De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor.” BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos Poemas em Prosa (O Spleen de Paris)*. Embriagai-vos (XXXIII). Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. In: *Poesia e Prosa*: volume único. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 322.

possibilidade de pensar a sem-razão ao cair em uma loucura racional. Sente-se o impulso reclamando – contra toda esperança, talvez – algo mais que a razão, que vá mais além, para fazer frente à percepção da sem-razão do mundo.

Deseja-se esquecer por um momento esta razão, para tentar reconquistar um entusiasmo vivificador e liberador ou, ao menos, a lucidez de pensar – e cantar – o fracasso como fracasso. Por um lado se trata de negar-se a dessacralizar o mundo, opor-se a reduzi-lo a uma maquinaria astuta que inclusive impede a possibilidade de distanciar-se dele e, ao menos, poder dizer “não gostamos” ou “dói-me que seja assim”.

Creio que Hölderlin se encontrou ante este mesmo dilema e muito antes que Nietzsche, Heidegger ou o niilismo contemporâneo. Hölderlin estava destinado a um intento condenado – conscientemente – ao fracasso. Trata-se de pensar e aspirar racialmente ao absoluto, manter-se fiel sem concessões aos ideais juvenis de plenitude e emancipação. Mas a coerência e valor de Hölderlin destacam-se sobretudo ao submeter estes ideais à crítica com igual radicalismo.

Hölderlin goza dentro da história da literatura ou do pensamento – se assim se quer – de uma posição muito peculiar, quase única. Escreve em um momento de grandes esperanças – políticas e intelectuais – (pensemos na Revolução Francesa ou no atrevimento intelectual do idealismo alemão). Aposta tudo ou nada em favor dessas esperanças de plenitude e totalidade (inclusive as leva a seu extremo). Quando se o lê pela primeira vez, surpreende algumas vezes o entusiasmo desbordante, inclusive desmesurado – para Goethe e tantos outros. Outras vezes, surpreende ainda mais a desmesura de seu canto terrivelmente dolorido e lastimoso. Hölderlin tem a virtude – no sentido de capacidade, mas também de fortuna ou de excelência – de roçar o pateticismo por ambos extremos, sem cair não obstante no ridículo.

Podemos dizer que Hölderlin canta o que todos gostaríamos de cantar se soubéssemos, se ainda pudéssemos. Aparentemente imune ao contágio cínico, descrente, suspicaz, niilista, ao menos irônico e distanciado, a que parecem nos conduzir a percepção contemporânea da absurdidade do mundo e de nossas aspirações nele. Com aparente imunidade ante todo desespero ou todo limite racional usa – creio que com plena consciência – as expressões mais ingênua e desmesuradamente entusiastas.

Mas com risco de roçar o patético e o ridículo, vai seguindo até suas últimas consequências um caminho niilista terrível. Hölderlin tem de fato os dois extremos do que Hegel criticou sob a denominação de “alma bela”. Por um lado aspira ao todo, à plenitude, e o expressa com contundência e sonoridade extremas, por outro lado não está disposto a condescender com nada que desmereça minimamente essa aspiração total. O resultado é que detrás da linguagem mais entusiasta há uma destruição absoluta – a consciência do fracasso radical – desse mesmo ideal de plenitude. Hölderlin se converte *avant la lettre* no mais profundo niilista trágico.

Entre os dois momentos opostos – mas sempre radicais e desmesurados – de entusiasmo e de aflição que marcam a poética e o pensar hölderliniano, vai oscilando sempre intermitentemente sem chegar nunca ao salto de malabarista que, por exemplo, dava em um dado momento Hegel ou – em outro contexto político – Heidegger. Hölderlin com seu aparente pateticismo nos conduz por um caminho que inaugura grande parte de nosso tempo, o qual parece conter. Atreve-se a pensar – a cantar se assim se prefere – tanto um ideal emancipatório universal e sem limites (o divino), como seu inevitável e radical fracasso. Não faz nenhuma concessão pelos dois extremos, e eis aqui sua grandeza.

Sempre pensei que a frase de Thomas Mann por todos conhecida: “o mundo haveria sido melhor se Marx houvesse lido Hölderlin”⁴ poderia ser continuada adicionando “e menos Hegel”. O autor de *Hipérion* pode ser certamente um dos mais ativos antídotos da proposta hegeliana. A partir de tal consideração me afastarei conscientemente da interpretação heideggeriana tentando, ao mesmo tempo, evitar o fato de que parte de sua terminologia foi lamentavelmente “capturada” pelo nazismo (tentando superar as reminiscências de todas as luzes anacrônicas que, quase inevitavelmente, parece-nos receber a obra hölderliniana).

Certamente, nosso autor é uma das mais claras alternativas a Hegel, especialmente na posição política deste, mas – eis aqui o mais interessante – desde um enfoque muito próximo ou ao menos homogêneo ao hegeliano. Sem cair na especulação hegeliana, Hölderlin compartilha – ao menos em sua juventude – um mesmo ideal fraterno-político e emancipatório. Podemos interpretar toda a obra de Hölderlin a partir destas considerações e da coerência de seu ponto de partida: “O que para mim não é o todo, o eterno todo, nada é para mim” (“Was mir nicht *alles*, und ewig *alles* ist, ist mir *nichts*”⁵). Hölderlin aplica esta divisa tanto à afirmação do projeto emancipatório como a sua crítica. O resultado é – claro está – o inevitável fracasso, e desde esta consciência Hölderlin elabora e pronuncia seu canto.

HÖLDERLIN, UM ROMANTISMO FRATERNOPOLÍTICO

Trivialmente, acusou-se muitas vezes o romantismo de individualista, ególatra, elitista, ensimesmado e, inclusive, solipsista. Ele foi acusado de encerrar-se sobre si e de pospor

⁴ Não nos interessa agora o fato de que dita frase possa ser invertida. Certamente, pode-se pensar que o fracasso inevitável a que se vê destinado o projeto emancipatório hölderliniano poderia ter-se evitado caso houvesse lido Marx. De nossa parte cremos que isto pode ser certo, mas que então Hölderlin seria irreconhecível na postura que cremos mostrar aqui. Teria que haver mudado totalmente seu projeto emancipatório e vital. Em definitivo, já não seria o mesmo. Seguramente a oposição, e incluso, a incompatibilidade do questionamento de Hölderlin e Hegel, incluiria, no que diz respeito a nosso assunto, também Marx. Nosso interesse se centra em pensar esta incompatibilidade – profunda, coerente e radical – dos respectivos projetos emancipatórios.

⁵ No chamado “Thalia-fragment”, *F. Hölderlin, Sämtliche Werke und Briefe*, 2 vol., I, p. 484. A tradução das citações, quando não especificamos o contrário, é nossa

tudo à própria sentimentalidade ou gênio, de pôr a própria paixão ou desejo por cima de toda norma ética ou proveito coletivo.

Acusa-se, em consequência, os românticos de apolíticos, de não-solidários e até de conservadores. Em última instância aceitou-se a crítica de Hegel à “alma bela”, condenou-se os românticos – muitas vezes sem juízo – por não se preocupar com o mundo real e por se exasperar gratuitamente por ideais abstratos e vãos. Sobre eles recaiu a acusação de irracionalistas ou anti-irracionalistas.

Algumas destas críticas são certas, especialmente, pelo seu efeito em alguns autores e, talvez, em um grau superior em outros movimentos. O avanço inquestionável que representou o romantismo no reconhecimento da subjetividade humana, da sensação de estranhamento entre eu e mundo, entre eu e os outros eu, pode ser interpretado de maneira negativa; mas não necessariamente conduzirá sem exceção à egolatria e ao ensimesmamento. Tampouco nos conduz a este extremo sua reivindicação daquelas faculdades humanas até então depreciadas por serem menos racionais, conscientes ou “diurnas”: o sentimento, a intuição, a fantasia, o apaixonamento, o gênio – aquelas faculdades mais misteriosas, menos racionais e qualificáveis de “noturnas”.

Neste escrito me proponho destacar sobre esse filosofema crítico e menosprezador do romantismo a figura de Hölderlin, que se aparta totalmente do tópico tradicional. Tentarei mostrar, em primeiro lugar, que se algumas vezes se pode acusar Hölderlin a partir desse tópico, a crítica somente se sustenta na medida em que se esquece seu ponto de partida e se valora unicamente o que são momentos segundos (porém secundários) de seu pensar/cantar. Isto é, como posturas adotadas a partir da constatação do fracasso de seu projeto emancipatório e nunca como ponto de partida deste.

Há que se distinguir dois tipo de momentos poéticos entre os quais oscila intermitentemente Hölderlin, que parece mover-se dentro de uma dialética de entusiasmo-aflição. Ambos os momentos são correlatos e igualmente importantes para a compreensão de sua obra.

Hölderlin parte sempre de um ponto de vista entusiástico – como primeiro momento lógico e temporal de sua dialética poética. Usamos o termo “entusiasmo” no sentido clássico que podemos encontrar no *Ion* e no *Fedro*. Entusiasmo – *enthousiasmós* – significa literalmente “endeusamento”, possessão ou inspiração divina da alma entusiasta. Significa inspiração ou frenesi que provocam os deuses nos homens escolhidos – o poeta, o filósofo – e que os conduz mais além de si mesmos, de seus limites. Dessa maneira se realiza o que Hölderlin chama mil vezes como presença dos deuses nos homens. Para ele portanto os homens são divinos, são deuses, são um com os deuses ou neles habita um deus.

Há que se interpretar as frequentes alusões de Hölderlin aos deuses e ao divino, ao infinito e ao absoluto, não como a postulação de uma transcendência. Como os idealistas – Fichte, Schelling, Hegel – não concebe o absoluto como transcendente, mas como

imane. Sua divindade, que assimila o absoluto infinito e eterno, não é pois algo além, mas o elemento mais vivo e vivificador efetivamente presente na realidade. Mais ainda que para estes autores, Hölderlin insiste em enfatizar a imanência e a pertença a este mundo do divino absoluto. A finitude, a miséria de nossa situação caída, consiste precisamente no esquecimento – a ausência de percepção ou de empatia – do divino que permanentemente nos envolve. A finitude é simplesmente a privação do absoluto vivificador que rodeia o débil sujeito humano. O entusiasmo é o sinal divino da presença atual, efetiva e plena da divindade em nós. Sua perda ou sua inadvertência – ainda que o divino não se ache apartado de nós – nos consome em um lúcido reconhecimento de nossa indigência, é nossa indigência e miséria; mas não é o sinal de sua transcendência ou impossibilidade.

A presença perto dos homens – *cabe o em nós* – do divino é a aposta especulativo-poética de Hölderlin. Ele faz o homem divino, converte-o em um deus entre deuses – os homens que o compartilham. Somente quando todos os homens reconhecem em si o divino e edificam em seu entusiasmo fraterno seu templo, é restabelecido efetivamente o ideal de *Saturna regia*. Inclusive esse ideal não é um misterioso além, mas a emancipação tal como a pensa Hölderlin – agora e aqui da humanidade. Portanto somente no entusiasmo – ao mesmo tempo divino e divinizador – os homens estão realmente juntos a si.

É importante remarcar que, na tradição clássica e moderna, a situação de ser possuído, implícita no entusiasmo, implica numa descentralização do homem, literalmente um afastamento ou alienação. O homem deixa de estar em si e está na divindade, possuído por esta. Porém para Hölderlin é exatamente o contrário. Somente no entusiasmo, na posse divina, na exaltação poética, na fogueira do ânimo, no arrebatamento e em um frenesi audaz, está o homem verdadeiramente em si mesmo. Somente então é autenticamente ele mesmo, um com seu ser mais pleno, vivo e rico. Nesse momento o homem é o que há de ser, o que sempre desejou ser, o que é chamado a ser e não o que a mesquinha necessidade o conduz a ser. Este momento entusiasta é a autêntica liberdade, a mais plena emancipação humana, é o êxtase onde o homem se encontra a si mesmo, aos outros e ao cosmos, mais além de toda coisa.

Somente neste momento afortunado do entusiasmo o homem é plenamente ele e, ao mesmo tempo, supera-se a si mesmo para realizar o ideal de si: o divino, o infinito. Por isso, também para Hölderlin (como para Giordano Bruno) o entusiasmo é um “furo heroico” que leva o homem a superar-se no divino e, paradoxalmente, a encontrar-se a si e ao cosmos único e total no divino. O momento do entusiasmo é um momento de reconciliação, de plenitude, de apoteose e êxtase, que se dá sempre no ponto de partida. Ao contrário de Hegel, que situa o momento da reconciliação como o terceiro em sua dialética, o ponto de chegada, para Hölderlin é a base de partida, o momento originário de toda dialética. Para ele, a liberdade, a emancipação, está no princípio e não no final de uma dialética que tem que passar necessariamente pela experiência da negatividade.

Se para Hölderlin há “necessariamente” um momento de negatividade não é – como em Hegel – para superando-o alcançar um ponto superior. A negatividade não se exorciza em Hölderlin da maneira como o faz Hegel. A negatividade, o fracasso do entusiasta projeto emancipatório, é radicalmente posta e não se deixa dissolver facilmente em uma superação racional. Hölderlin se vê destinado a aceitar absolutamente a inevitabilidade do fracasso, do suplício ante a perda do entusiasmo liberador e divinizador. A superação hegeliana especulativo-racionalista da negatividade se vê no questionamento hölderliniano totalmente comprometida. Pois a aflição somente se pode superar com uma maior dose de entusiasmo, de exaltação e audácia. O problema está dessa forma em de onde retirar esse *plus* de entusiasmo e audácia quando se caiu – sem paliativos – no nada, na negatividade, na inapetência, no fracasso.

Não há, para Hölderlin, um espírito universal ou uma razão astuta que vá realizando para e por nós a metamorfose de cisão em reconciliação. O nada, a negatividade e o fracasso se mostram irreduzíveis ante o sujeito e a este somente resta armar-se outra vez de valor, de fervor, embriagar-se de paixão e tentar contrapor-se à miséria e à negatividade com a riqueza e a força que tenha podido recompor em si. Hölderlin não tem ante o desalento nenhuma outra esperança que a convicção – posta sempre a prova – de que o mundo não pode ser sempre assim, que houve uma época – essa idade de ouro da Grécia clássica de que tanto sente saudades – quando não foi assim e que há de retornar o momento em que não seja assim. Sempre se perguntará, portanto, se já chegou o tempo do reverdecer da Jônia, o momento de reviver o frenético ideal emancipatório.

Contra o fracasso de seu projeto emancipatório Hölderlin não tem nada mais que esse mesmo projeto. Não tem nenhuma outra ajuda interna ou externa que não seja ele mesmo, que não estivesse no primeiro momento da dialética. Não lhe resta senão voltar a tentá-lo, voltar a levantar a vista aos céus, voltar a dar amor, virar-se para fora. Somente o poderá fazer, naturalmente, enquanto lhe reste algo que dar, enquanto do poço sem fundo de si mesmo consiga retirar algo que opor ao nada que todo o devora.

A superação dialética se frustra em Hölderlin, já que o momento da cisão e da negatividade é insuperável. Não se pode transitar impunemente do entusiasmo ao nada, da mesma forma como não se pode estar em contato com a miséria ou o barro sem tornar-se miserável ou enlamear-se. Provavelmente Hegel acusaria Hölderlin de cair na má infinitude, já que passaria de um extremo ao outro sem encontrar nunca uma superação para além deles. Mas Hölderlin lhe poderia dizer que, sendo isto certo, a dialética não somente é má senão, sobretudo, trágica, e que o projeto hegeliano se vê destruído imediatamente ante ela. O homem está só – só consigo mesmo – nessa dialética e ante a negatividade. Se quiser evitar ser absorvido no nada, resta-lhe unicamente o recurso de retirar forças de fraqueza, de si mesmo. Armar-se de valor, confiar em que há deuses, que nele habita um deus, que lhe está destinada a divina infinitude e tentá-lo uma vez e outra vez mais.

Somente *intermitentemente* lhe é dada a possibilidade de um descanso, quiçá um respiro no que recupera forças e cura feridas. Ainda a natureza – mãe amorosa para Hölderlin – oferece seu refúgio ao derrotado, lhe oferece uma pátria, mas não *A Pátria* buscada. É um refúgio, o único e último refúgio, mas tão somente temporal, momentâneo e supletivo. Em comunhão solitária com a natureza parece que a cisão desapareceu. Mas esta paz unicamente é um débil testemunho do que é capaz o homem e o poeta; a cisão reaparece de novo com a visão da situação encadeada e miserável do povo, outrora livre e hoje caído.

O poeta poderia tentar permanecer nesta solidão pacífica que a natureza lhe oferece, mas, igual ao filósofo que se libertou da caverna platônica, tem que voltar para libertar os outros prisioneiros. Não pode gozar da luz na solidão; seu projeto emancipatório o chama a libertar todos. O ideal hölderliniano de *Vereinung* e de *ben kai pan* lhe indica que somente se pode sair da cisão com o entusiasmo fraterno e universal. A idade de ouro é a única alternativa à cisão e à miséria do presente. Como sempre, Hölderlin aposta tudo ou nada. Sua dialética é assim terrível e trágica, por isso lhe é impossível encontrar um caminho de reconciliação que não seja o débil desafio do poeta, empenhado (contra toda evidência) em manter o enlace entre infinitude e finitude, entre deuses e homens.

Em definitivo, o intermitente canto carregado de lástima e dores de Hölderlin (que se imputa como típico dos piores tiques do romantismo) corresponde sempre a momentos posteriores ao fracasso de um vigoroso projeto emancipatório. Corresponde a momentos em que o herói ou poeta hölderliniano lava suas feridas em solidão e se recupera do cansaço; mas nunca à proposta inicial, que é sempre revulsiva, emancipatória, arriscada e, inclusive, voluntariosa. Por outro lado, está destinado a reiniciar uma e outra vez o mesmo projeto fraterno-emancipatório, para além dos sucessivos fracassos – estancadas as feridas e recuperada a coragem.

HÖLDERLIN, POETA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Hölderlin é, para este autor, sobretudo o cantor poético de uma *intermitente* exortação emancipatória do homem. Seu canto se dirige desde o entusiasmo e a fraternidade infinitos contra a miséria e a culpável limitação humana. Desta maneira, Hölderlin desenvolve um dos temas-chaves da Ilustração, da *Aufklärung*, mas a partir de uma chave mais desgarrada, menos ingenuamente otimista, mais intimamente consciente do fracasso final a que está destinada.

Estamos de acordo com Felipe Martínez Marzoa, quando compara Kant a Hölderlin, em que também para este último a finitude humana – que lhe nega o acesso ao ideal, à vida dos deuses – é culpável, já que nasce do homem mesmo, da sua incapacidade de regenerar em si o entusiasmo vivificador ou de deixar-se penetrar pela força do cosmos e a natureza. Como Kant em seu escrito *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*, coincide

nessa debilidade culpável do homem (o homem de sua época feito de uma “madeira demasiado torcida” como para que possa ser completamente endireitada).

Hölderlin parte sempre dessa situação caída dos homens, que faz os alemães de seu tempo incomparáveis com aqueles gregos clássicos que centravam seu entusiasmo. Schiller⁶ já havia questionado muito bem a situação de cisão a que os modernos se viam destinados – cisão consciente ao menos desde a filosofia kantiana – e que os envergonhava ante a presença do indivíduo autêntico, sem fissuras em si e com sua coletividade, dos antigos gregos.

Mas Hölderlin sempre retorna desde as cinzas que o envolvem – inclusive desde suas próprias cinzas – oferecendo uma ou outra vez sua exortação emancipatória como única saída. Esta exortação está sempre presente em toda sua obra – tanto poética como narrativa – mas, como mostrarei, indefectivelmente de uma forma *intermitente*, isto é, margeada e destinada ao fracasso. Eis aqui seu drama, seu gênio e sua loucura.

Centrar-me-ei, sobretudo, nas razões, a natureza e a estrutura da reiteração poética da exortação emancipatória à fraternidade universal no entusiasmo (que marca totalmente sua poética e pensamento).

Hölderlin em *An die jungen Dichter* lançava a consigna a que tentará ser sempre fiel: “ama os deuses e pensa fraternalmente (ou amigavelmente)⁷ nos mortais!” Já em dita consigna está clara a não oposição entre mundo divino e mundo humano, por muito que um o reconforte e o outro o atormente. São dois mundos que se fazer confluir, já que somente em uma época miserável como a presente se puderam cindir. Por isso trata de dirigir a preocupação do poeta a estabelecer a união entre o mundo dos deuses e o dos homens. Esta é a tarefa dos poetas, que não é senão um duplo esforço correlativo: unir os dois mundos, fazer humanos aos deuses e divinos aos homens, conduzi-los pelos sagrados caminhos da infinitude.

Claramente, trata-se de um ideal emancipatório, porque se Hölderlin fala dos deuses é para ajudar assim a libertação humana, se ama aqueles é porque ama o que há de divino nos homens. Em seu poema *Brot und Wein* diz:

“O que predisseram os antigos poemas aos filhos dos deuses,
Mira! Isso somos nós, nós; frutos das Hespérides!
Maravilhosa e exatamente se consumou nos homens.
... pois somos sombras sem coração até que nosso
Pai Éter, reconhecido por cada um, a todos pertença.”⁸

⁶ *Über die Ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen* en Schiller, *Sämtliche Werke*, 5 vol., München, Winkler Verlag, 1975.

⁷ “Liebt die Götter und denkt freundlich der Sterblichen!”. *Op. cit.*, I, p. 223.

⁸ “Was der Alten Gesang von Kindern von Herperien ist’s!
Siehe! wir sind es, wir; Frucht von Herperien ist’s!

Como se diz no *Systemprogramm*, a poesia e os poetas são os encarregados de desvelar as novas ideias e produzir o entusiasmo por elas no povo. É uma tarefa árdua, que ainda se identifica como em Schiller – talvez ingenuamente – com uma tarefa político-emancipatória.⁹ Assim Hölderlin em seu poema *An unsre grossen Dichter* exclama:

“Despertaí poetas!” Despertaí do torpor
também aqueles que ainda dormem, dai leis,
dai-nos vida, vencei, heróis! Como Baco,
tão somente vós tendes o direito de conquista.”¹⁰

Por outro lado em *Wie wenn am Feiertage...* lega aos poetas a seguinte tarefa:

“Os pensamentos do espírito comum estão,
silenciosamente acabados, na alma dos poetas.
Desde longo tempo familiarizada com o infinito,
subitamente ferida se estremece com a recordação
e logra, inflamada pelo sagrado raio,
o fruto nascido do amor, obra de deuses e homens,
o canto, que a ambos testemunha.

...

E por ele agora os filhos da terra
bebem sem perigo o fogo divino.
Mas a nós corresponde, poetas!
permanecer com a cabeça descoberta
baixo as tormentas de deus,
empunhar com nossas próprias mãos
o raio mesmo do pai e

Wunderbar und genau ist's als an Menchen esfüllt,
... denn wir sind herzlos, Schatte, bis unser
Vater Äther erkannt jeden und allen gehört.” Op. cit., I, p. 314.

⁹ Em dita obra tanto Hölderlin como Schelling e Hegel coincidem com o que Schiller afirmava em suas *Cartas*: que “para resolver na experiência o problema político, se precisa tomar o caminho do estético, porque à liberdade se chega pela beleza” e que “a obra de arte mais perfeita que cabe é o estabelecimento de uma verdadeira liberdade política.” (Op. cit., V, p. 314 e 313 respectivamente. Tradução castelhana de Manuel García Morente, Madrid, Espasa-Calpe, Col. Austral, p. 15 e 13 resp.).

¹⁰ “O weckt, ihr Dichter! weckt sie vom Schlummer auch,
Die jetzt noch schlafen, gebt die Gesetze, gebt
Uns Leben, siegt, Heroen! ihr nur
Habt der Eroberung Recht, wie Bacchus.” (Op. cit., I, p. 228)”

entregar ao povo, envolto
no canto, o dom divino.”¹¹

Esta é a difícil tarefa e o destino dos poetas. É, certamente, uma tarefa impossível e um destino condenado ao fracasso pelo mesmo irreduzível radicalismo com que é formulada. O mesmo radicalismo da aposta faz com que seja impossível ganhá-la plenamente alguma vez.

Resulta claro que para Hölderlin a divindade não é transcendente nem tampouco o é o labor dos poetas. Ambos são mundanos (no sentido físico), inscrevem-se imanentemente neste mundo e não em um além transcendente. Como diz Rafael Argullol, o poeta é o ser prometeico que oferece os ideais divinos aos homens, que lhes assinala o caminho da infinitude e da divindade, o caminho de sua emancipação. É o titã que tenta unir o mundo infinito e o finito – com o risco de que intentos dessa envergadura sempre representam e do qual a todo o momento é consciente Hölderlin. O poeta é o interlocutor entre os homens e os deuses, que há de conduzir no último extremo a reconciliação da finitude com a infinitude.

Neste sentido, como veremos, Empédocles é o arquétipo do poeta. Assim cabe interpretar sua terrível luta consigo mesmo e contra a mesquinhez dos agrigentinos para tentar superar a terrível cisão entre homens e deuses. Ele é o demiurgo que há de tornar real – ao menos por uns instantes ou como projeto – a promessa de infinitude e divindade para os homens, ele superará o rechaço total do divino por parte do mundo humano.

Empédocles nem no momento do suicídio deixará de entregar-se aos homens. Contra o que se costuma criticar no conceito de poeta ou de gênio romântico, para Hölderlin o poeta – por sua espiritualidade privilegiada – não há de se apartar dos homens e do mundo mas, ao contrário, há de inclinar-se sobre estes. O poeta também há de ser

¹¹ “Des gemeinsamen Geistes Gedanken sind,
Still endend, in ser Seele des Dichters.
Dass schnellbetroffen sie, Unendlichem
Bekannt seit langer Zeit, von Erinnerung
Erbebt, un ihr, von heil’gem Strahl entzündet,
Die Frucht in Liebe geboren, der Götter und Menschen Werk,
Der Gesang, damit er von beiden zeuge, glückt.
...
Und daher trinken himmlisches Feuer jetzt
Die Erdesöhne ohne Gefahr.
Doch uns gebührt es, unter Gottes Gewittern,
Ihr Dichter! mit entblösstem Haupte zu stehen,
Des Vaters Strahl, ihn sebst, mit eigener Hand
Zu fassen und dem Volk ins Lied
Gehüllt die himmlische Gabe zu reichen.” (*Op. cit.*, I, p. 255)

mundano, há de estar projetado para os homens em um ideal qualificável de emancipatório. Com diz em *Der Einzige (Erste Fassung)*. “Também os poetas, os espirituais, têm de ser mundanos.”¹²

Os poetas são, para Hölderlin, os demiurgos da *Saturna regia*, da volta da idade de ouro, do retorno dos deuses a este mundo, da libertação dos homens em sua capacidade divina e infinita. Como expressa em *Der Archipelagus*:

“Pois os divinos descansam com gosto no coração sensível
[dos homens]
sempre, como então, ainda com agrado as forças inspiradoras
guiam o homem esforçado, e sobre os montes pátrios
descansa, reina e vive onipresente o éter,
para que um povo que ama, recolhido nos braços paternos,
seja humanamente alegre, como outrora, e *um* espírito seja comum a
todos.”¹³

Evidentemente este ideal emancipatório não é de fácil realização, mas, ao contrário, está destinado ao mais trágico fracasso. O presente miserável, o triste agora, condena os poetas ao fracasso e à perda de suas virtudes. Como em Empédocles, a divindade se afasta do antes amado filho; este anda perdido e débil entre a multidão que se envergonha de sua anterior adoração. Então o poeta já não pode colher com as mãos desnudas o fogo dos deuses para oferecê-lo aos homens, pois a divindade também fugiu dele. A derrota espregueira a todo momento os guias da emancipação humana, os que quiseram conservar a recordação e a aspiração à divindade. O ideal mundano e emancipatório dos poetas é um ideal maldito. Tornou-se impossível enlaçar outra vez os deuses com os homens. A batalha está condenada ao fracasso. No poema *Griechenland (Dritte Fassung)* Hölderlin proclama:

Ai! Naqueles dias melhores,
não haveria lutado em vão, tão fraternal
e grande, pelo povo teu coração amante
...

¹² “Die Dichter müssen auch / Die geistigen weltlich sein.” (*Op. cit.*, I, p. 372).

¹³ “Denn es ruhn die Himmlischen gern am fühlenden Herzen
Immer, wie sonst, geleiten sie noch, die begeisternden Krafte,
Gerne den strebenden Mann und über Bergen der Heimat
Ruht und waltet und lebt allgegenwärtig der Äther,
Dass ein liebendes Volk in des Vaters Armen gesammelt,
Menschlich freudig, wie sonst, und *ein* Geist allen gemein sei.” (*Op. cit.*, I, p. 277-8)

Morre! Pois buscas por esta terra,
nobre espírito, em vão teu elemento!¹⁴

O poeta (quem aspira lucidamente mas de maneira irrevogável à plenitude) se encontra só, abandonado no mundo de onde fugiu o divino. Mas ainda assim – ressaltamo-lo de novo – Hölderlin não se rende, o poeta pode recorrer ao sonho, à poesia, e a partir dela elevar seu canto outra vez. Será um canto talvez triste e derrotado, mas também um canto renovado para a emancipação, indicando sempre o caminho à divindade, à plenitude. Quando – em *Menons Klagen um Diotima* – inclusive os deuses da morte sibilam em seu ouvido “o severo canto: assim deve ser, esquece tua dita e adormece-te em silêncio!”¹⁵, Hölderlin se nega à aceitação do fracasso e sente dentro de si a esperança do sonho. A intermitência do projeto-intento entusiasta e o fracasso-sonho se reitera.

Também no *Hymne an die Freiheit* afirma:

“Quando [somente ficam] as sombras da glória paterna,
quando se desmorona o último resto da liberdade,
chora meu coração a separação com lágrimas amargas
e até seu mais belo mundo [dos antigos homens livres] foge.”¹⁶

Mas imediatamente afirma que tudo florescerá de novo amanhã, mais formoso, a primavera nascerá da destruição. O eterno retorno – intermitente, mas inevitável – marca indelevelmente o canto e a personalidade de Hölderlin.

Hölderlin dificilmente pode aceitar o fracasso a que está destinado o homem débil, abandonado pelos deuses e pela força infinita da natureza. Talvez por isto deixou inacabada *A morte de Empédocles*: a ele resultava difícil aceitar como um final – como o final definitivo – o ato de entrega de Empédocles (tão ambivalentemente vitorioso como fracassado). A tentação do silêncio – da morte – é sempre constante em Hölderlin. Por exemplo, no final de *Der Archipelagus*:

¹⁴ “Ach! es hätt in jeden bessern Tagen
Nicht umsonst so brüderlich und gross
Für das Volk dein liebend Herz geschlagen,
...
Stirb! du suchst auf diesen Erdenrunde,
Edler Geist! umsonst dein Element!” (*Op. cit.*, I, p. 166).

¹⁵ “das nüchterne Lied”; “Soll es sein, so vergiss dein Heil, und schlummere Klanglos!” (*Op. cit.*, I, p. 266).

¹⁶ “Wenn der Schatten väterlicher Ehre
Wenn der Freiheit letzter Rest zerfällt,
Weint mein Herz der Trennung bittre Zähre
und entflieht in seine schönre Welt.” (*Op. cit.*, I, p. 144.)

“... e se o tempo arrebatador
comove demasiado violentamente minha cabeça, e a indignância e desvario
entre os mortais racham minha vida mortal,
deixa-me então rememorar o silêncio em tuas profundidades!”¹⁷

Mas largamente se resiste tanto à perda da esperança como da vida (inclusive se pode dizer que se resiste mais a perder a primeira, e não a segunda) e logo passa a pensar na época atual de ausência de deuses e de liberdade como um *inter-médio*, um tempo à espera. Assim inclusive no momento do desespero como no poema *Brot und Wein* se pergunta que fazer até o retorno dos deuses:

“Entretanto, às vezes me parece ser melhor
dormir que estar assim sem companheiros,
que aguardar assim entretanto sem nada que fazer nem que dizer.
Não sei, e para que poetas em tempos indigentes?”¹⁸

Mas, inclusive neste dolorido momento, a pergunta está formulada a partir do desânimo como um “Indessen” (entretanto, enquanto isso), como a espera-esperança do retorno. A desafiadora aposta pela volta da comunhão entre deuses e homens, entre homens e homens, destes e o cosmos, é sempre o pressuposto fatal do canto poético e fraternal de Hölderlin.

O CANTO POLÍTICO-FRATERNAL COMO O MAIS PROFUNDO CANTO AMOROSO

Alguém pode pensar que o projeto emancipatório hölderliniano se opõe ou é diferente de seu projeto sentimental, amoroso e, sobretudo, fraternal. Nada mais distante da realidade: a política de Hölderlin é uma política do entusiasmo, de uma união íntima e no sentimento que projeta os homens mais além de si mesmos e de suas misérias até os cumes celestes onde moram os deuses ou, melhor dito, onde os homens são e vivem

¹⁷ “... und wenn die reissende Zeit mir
Zu gewaltig da Haupt ergreift und die Not und das Irrsal
Unter Sterblichen mir mein sterblich Leben erschüttert,
Lass der Stille mich dann in deiner Tiefe gedenken.” (*Op. cit.*, I, p. 279).

¹⁸ “... Indessen dünket mir öfters
Besser zu schlafen, wie so ohne Genossen zu sein,
So zu harren, und was zu tun indes und zu sagen,
Weiss ich nicht, und wozu Dichter in dürftiger Zeit.” (*Op. cit.*, I, p. 313.)

como deuses. Sua política, assim cabe interpretar a frase de Thomas Mann, não é uma fria relação objetiva em um estado pretensamente racional ou o câmbio violento da breve institucionalização política¹⁹. Para Hölderlin, se há um projeto político coletivo, está intimamente unido à fraternal união de homens entusiastas, dionisíacos e felizmente apaixonados. Para Hölderlin não há projeto político, sem um projeto fraterno, entusiasta e passional.

Desde o começo de sua obra e de sua vida de poeta, Hölderlin sempre parte da interrelação cortada, impossível e cindida entre as aspirações do eu em relação à coletividade e o todo cósmico. Ante tal ideal as respostas são várias, inclusive, diferentes, mas sempre são respostas a uma mesma e permanente problemática. Assim podemos interpretar: o amor de Melita ou Diótima; a surpresa do reconhecimento do primeiro igual, do primeiro homem: Adamas; a amizade em uma tarefa política emancipatória de Alabanda; a última entrega desenganada de Empédocles; a solidão derrotada no seio da boa e bela natureza que estanca suas feridas em Hipérion.

Estas são as respostas a que intermitentemente se encontra destinado Hölderlin, em um trágico mas esforçadamente entusiasta *Bildungsroman*. *Hipérion* responde perfeitamente à ideia de *Bildungsroman*, típica do primeiro romantismo: um romantismo, ainda diretamente confrontado com o projeto ilustrado, que por um lado quer transcender, mas que, por outro lado, vê-se ainda obrigado a modular.

Hölderlin e grande parte dos primeiros românticos (imediatamente influenciados pela exaltação revolucionária na França) põem em um nível paralelo o ideal de comunidade e de serviço ético à humanidade, assim como a satisfação dos impulsos mais íntimos, espontâneos e sublimes do homem. Esses mesmos impulsos conduzem Hölderlin a se pôr a serviço da causa suprema e mais nobre, que não é outra que a liberdade. Mas esta já não pode ser alcançada com um ideal meramente abstrato como se propunham os ilustrados, mas tem que ir paralela à mobilização total do ser humano real e à criação de laços espirituais de solidariedade entusiasta e fraternal dos homens.

Para Hölderlin, o concreto, a busca da *Vereinigung*, que sempre concentrou suas aspirações, tem a todo o momento um componente amoroso, um componente fraterno e um componente claramente político. A busca da *Vereinigung* equivale para ele à aspiração à plenitude absoluta. Em direção a este ideal de três faces se projeta sempre Hölderlin com o radicalismo que caracteriza sua personalidade. Também aqui se cumpre seu lema que “o que para mim não é o todo, e eterno todo, nada é para mim.”

A poética hölderliniana parte desta aspiração hiperbólica, irreduzível, radical e inconciliável com hesitações por muito real-objetivas que sejam. Da mesma forma como a meditação cartesiana se inicia com uma dúvida hiperbólica que se nega a deter-se ante

¹⁹ Talvez haja algo parecido no muitas vezes denegrido marxismo mais “romântico” (muito próximo aos socialistas utópicos), quando considera os proletários uma espécie de anjos caídos que esqueceram que são o “sal da terra” e o poder telúrico e vivificador que neles jaz.

qualquer pensamento que não anule absolutamente toda possibilidade de duvidar, Hölderlin parte também de uma aspiração hiperbólica típica no romantismo e que poderíamos qualificar de fáustica. Parte sempre de uma aspiração pela superação da cisão que impede os homens de se sentirem divinos. Esta aspiração é tão irredutível como predestinada ao fracasso e intuída como impossível.

Frente ao mal-estar ou o desassossego pela cisão que percebe em sua época, em sua Alemanha, propõe-se a restauração da época grega, a pátria grega de todos os homens entusiasmamente divinos. Hölderlin vive esta pátria efetivamente por breves momentos em sua poesia, levado pelo entusiasmo salvador, mas o desassossego retorna sempre como a outra cara do ser do homem. O paroxismo da recaída forma parte inevitável do destino humano, condenado a alcançar a plenitude desejada somente *intermitentemente* – com o perigo somado e sempre ameaçador da loucura.

Hölderlin parte tragicamente da intuição da situação, por isso seus poemas são desde sua juventude elegias. Uma elegia como aquele poema de juventude dedicado *An die Natur* onde chora a perda dos dias – tão próximos, por outro lado – da infância, quando não sabia ainda do destino do homem, quando jogava entre as dobras do véu da natureza que lhe escondia, ao mesmo tempo, a aspiração ao supremo e a consciência da trágica debilidade do destino humano.

O espírito humano parece incapaz de superar a cisão que o marca. O homem é no universo o único ser caído, *Hymne an die Freiheit*:

“Um, um só caiu,
foi marcado com a ignomínia do inferno.
Bastante forte para eleger o mais belo caminho,
o homem vai se arrastando baixo o pesado jugo.
Ah! Ele foi o mais divino dos seres.”²⁰

Mas o poeta não pode render seu canto, uma ou outra vez pronuncia sua arenga, seu exórdio emancipatório:

“Então, irmãos! Tardará ainda a hora?
Irmãos! Pelos mil desesperados,
Pelos descendentes nascidos da ignomínia,

²⁰ “Einer, Einer nur ist abgefallen,
Ist gezeichnet mit der Hölle Schmach;
Stark genug, die schönste Bahn wallen,
Kriecht der Mensch am trägen Joche nach.
Ach! er war das göttlichste der Wessen.” (*Op. cit.*, I, p. 143).

Pelas soberanas esperanças,
Pelos bens que colmam a alma,
Pelo ancestral poder divino,
Irmãos, ai! Por nosso amor,
Reis da finitude, despertai!”²¹

Assim são para Hölderlin os homens – “*Könige der Endlichkeit*” (reis da finitude) – mas sua promessa, sua aspiração hiperbólica, não se detém nunca ante os limites impostos. O homem pode ser também um deus, quando nele vive um deus, quando decide viver como um deus, quando o entusiasmo o conduz a uma união fraternal e amorosa com o cosmos, mas também e, sobretudo, com os outros homens.

É uma aposta – melhor dito, uma provação – de impossível realização, mas, em certa medida, de formulação obrigatória. Evidentemente aquele que enuncia e faz seus os princípios: “o que para mim não é o todo, e eterno todo, nada é para mim” e “amai os deuses [a plenitude, o infinito, o absoluto] e pensai fraternalmente nos homens [a finitude, o caído]”, está condenado ao fracasso mais certo e consciente. Mas de alguma maneira a afirmação destes princípios absolutos e radicais vai mais além do inevitável fracasso. Ocorre a condição de possibilidade de um ponto de partida que se move entre o que Hegel chamou *alma bela* ou a vontade de poder nietzschiana.

Trata-se de um inevitável pressuposto transcendental que marca todo possível projeto emancipatório. Em definitivo, sua validade não depende do êxito ou do fracasso. A relação destes princípios ou aspirações não é instrumental com vistas à obtenção de uma recompensa, mas é algo prévio à possibilidade de pensar uma recompensa ou um fim. O entusiasmo é para Hölderlin a condição de possibilidade de toda concepção de um projeto emancipatório, assim como para Kant o imperativo categórico é a condição de possibilidade de uma moral. O êxito ou fracasso previsível são em ambos os casos algo acrescentado, uma consideração de ordem derivada e posterior, outra coisa.

O HERÓI HÖLDERLINIANO

²¹ “Nun, o Brüder! wird die Stunde säumen?

Brüder! um der tausend Jammernden,
Um der Enkel, die der Schande keimen,
Um der königlichen Hoffnungen,
Um der Gütter, so die Seele füllen,
Um der angestammten Göttermacht,
Brüder ach! um unsrer Liebe willen,
Könige der Endlichkeit, erwacht!” (*id.*, I, p. 144).

Interessa remarcar o transfundo social e emancipatório que subjaz sempre na obra de Hölderlin. Seus heróis arquetípicos – Empédocles e Hipérion –, ainda que conscientes da distância que lhes distancia dos homens comuns, atuam a todo o momento em referência e solidariedade com esses mesmos homens dos quais se sabem – dolorosamente – diferentes. Hölderlin é um contra-exemplo claro de uma visão tradicional do romantismo: a distância insuperável entre o herói romântico e o povo plano. Esta cisão é o ponto de partida da situação trágica e, por isso, não torna tolerável – como se poderia crer – a ausência de solidariedade entre herói e o resto dos homens. Em Hölderlin o herói o é para o povo, para a humanidade. Sua tarefa se volta tragicamente em favor da humanidade em uma solidária vontade emancipatória; essa é sua meta.

O herói hölderliniano está cheio de dor pela distância que o separa do resto da humanidade, tanto como pela distância que o separa – em momentos de desânimo, em especial – do fundo vivificador da natureza – o mundo divino por antonomásia. Impede-lhe a dor porque constante a impossibilidade de unir estes dois pólos enfrentados.

Seu protótipo de herói se caracteriza por negar-se a viver nesta dualidade. Sua luta consiste em tentar superar esta oposição: a contradição entre mundo humano e divino, a cisão entre homens mortais e a divina natureza. Entretanto, sempre se nega a si mesmo um caminho – o mais fácil. Nega-se a escolher um polo em detrimento do outro. Esta resposta seria tanto como aceitar implicitamente a cisão, já que ele – diferentemente do homem comum – tem conhecimento em seu espírito do mundo divino e não pode contentar-se em viver conformadamente a miséria humana.

O herói nasce nesta cisão – que na infância se apresenta como adormecida – e sua primeira sensação de dor coincide com a consciência da cisão. Toda sua vida será desde então um lutar para superar a dolorosa oposição. Algumas vezes, encontrará consolo no mestre. Ele lhe ensinará que não está só em suas aspirações e o ajudará a lhes dar forma definitiva e superior. Como exemplo, no *Hipérion* temos o personagem de Adamas.

Outras vezes ou mais adiante em sua formação (sua *Bildung*), encontrará seus iguais, seres semelhantes a si, cheios das mesmas aspirações e do mesmo espírito. Com eles alcançará os cumes mais altos do entusiasmo e de sua força, e tentará a emancipação humana. Tanto Alabanda (a amizade) como Diótima (o amor) fazem esse papel.

Na maior parte das vezes, encontrar-se-á só e ferido. Em ditos momentos somente a harmonia com a tranquila e acolhedora natureza aliviará suas feridas. Assim periódica e indefectivelmente, o herói hölderliniano (tanto Hipérion repetidas vezes, como Empédocles com mais radicalismo) se verão destinados ao retorno à natureza, a buscar asilo e refúgio nela. Mas se o herói está ferido, se fracassou e se isola de todos os homens, é porque tentou com todas suas forças elevar até si a humanidade.

Pretendeu, solidário com a humanidade, romper a cisão: no mundo humano o espírito divino está ausente, enquanto que a natureza divina e o mundo dos deuses são só silêncio, solidão e insensibilidade frente ao sofrimento humano. O fracasso o condena ao

isolamento, é certo, mas o herói hölderliniano jamais o buscou, senão para estancar suas feridas produzidas no intento. Sua solidão e seu desprezo aos homens – sempre alguns homens concretos, como Hermócrates – vem somente por ter sofrido previamente seu desprezo e sua agressão. Por outra parte, o perdão está sempre pronto. Também é certo que há um momento em que o herói não pode voltar ao seio social, então busca a solidão e a reconciliação suprema com a divina natureza.

O retorno solitário ao seio acolhedor da natureza – momento muito radical em Empédocles, mas também presente em Hipérion – aparece como um descanso, um intermédio na luta ou um último sacrifício em favor da humanidade. Inclusive quando a morte é o último ato – sublime e absoluto – que lhe cabe como um ser divino – continua sendo uma mensagem de amor para com os homens.

É, ademais, um ato de alguém que é como eles, que se sentiu como eles – inclusive em sua miséria e indignação – e que nele crê ter encontrado o caminho – exemplar, queira-se ou não – para que seja a última oferenda para com um ideal superior de humanidade. Desta maneira Hölderlin quer converter seu fracasso no último sacrifício e em uma última entrega à humanidade. Cabe pensar que, na medida em que os homens – os agrigentinos, por exemplo – retêm-no em sua memória e lhes eleva, é um desesperado e trágico triunfo.

Com seu sacrifício, o herói consegue o retorno ao seio natural e divino, mas não simplesmente porque sempre o haja buscado. Compreendeu que é a única maneira de unir permanentemente o humano e o divino, mas, sobretudo, compreendeu que é a indicação simbólica de um caminho que talvez a humanidade possa transitar. A entrega de si, a confiança na natureza, a não renúncia ante a miséria humana, etc., tudo leva a mensagem de seu sacrifício em favor do que de divino há nos homens. É, por outra parte, como absolutamente abnegado, a última prova que lhe era dado aportar.

Invertendo a frase de Thomas Mann que já comentamos, pode-se dizer também que teriam sido melhores as coisas a Hölderlin se pudesse ter lido Marx. Recalcamos que o projeto emancipatório hölderliniano se formula com tal elevação e radicalismo que se converte em impossível. Seu herói, portanto, está condenado ao fracasso. Evidentemente, baixo uma perspectiva meramente instrumental, a postura de Hölderlin se mostra destinada ao absurdo. A esse respeito, Hölderlin pode ensinar muitas poucas coisas a um filósofo da “realidade” humana do calibre de Marx e, nesse ponto, passa o mesmo com Hegel. Por outro lado, caberia perguntar-se se está mais perto da *hybris* ontológica da autenticidade instauradora de um Heidegger (quem nessa direção dirigiu seus comentários). Cremos que está clara uma notável divergência com respeito a tal leitura, ainda que não tenha sido abordada no presente artigo e se venha a remeter a um trabalho posterior.

Hölderlin, seu projeto e seu tipo inspirado de heróis parecem reduzir-se a um absurdo, parecem responder à acusação de “alma bela”. Certamente pouco pode ensinar a Hegel, Marx ou mesmo, sobretudo, a seus acomodados discípulos. Tão somente ressalta a

necessidade de um entusiasmo sincero que não transija estrategicamente, de uma paixão não contente ante o “espírito a cavalo”. Inclusive, avisa sem desanimar frente a uma derrota previsível para aquele que não quer se dobrar à maquinaria da história e da política. Frente à inevitabilidade e inexorável funcionamento de dita maquinaria, o herói hölderliniano somente pode opor seu entusiasmo, sua lúcida mas decidida vontade de divindade²², sua entusiasta e ao mesmo tempo trágica e débil figura.

²² É evidente a relação com a vontade de poder nietzschiana, mas este é um tema que também supera nosso escrito.